

***Imprimatur Dei*, teologia natural e revelação divina: análise exegética de Rm 1,18-23**

*Imprimatur Dei, natural theology and divine revelation:
an exegetical analysis of Rom 1,18-23*

Waldecir Gonzaga
Filipe Henrique de Araújo

Resumo

Deus se dá a conhecer através da criação (Rm 1,20), deixou no visível o seu próprio *imprimatur*. Na obra da natureza é possível apreender alguns atributos divinos: o bem, o belo, a verdade e o bom. O caos se fez cosmos pela ação criadora de Deus. Entretanto, o ordenamento dado pelo Criador à sua obra vem sendo perturbado pela ação humana. O mau uso daquilo que foi confiado ao ser humano (Gn 1,26) produz diferentes mazelas, desfigurando a natureza e ocasionando fenômenos naturais catastróficos. Aquilo que Deus criou e viu que era bom (Gn 1,1-25) tem se tornado como que um flagelo para a humanidade. A Bíblia apresenta a imagem da ira divina, em muitos casos através da imagem de fogo e de tempestade. O ser humano, arrogando para si a sabedoria para gerir sua vida e o mundo, ignora ação de Deus manifesta na criação, perturba a divina ordem da natureza e produz um mundo à sua própria imagem (Rm 1,21-23). Nesse sentido, esse artigo, através da análise exegética e do comentário teológico de Rm 1,18-23, apresenta elementos para se contemplar a manifestação de Deus em sua criação, como lugar do *imprimatur Dei*, impresso na natureza.

Palavras-chave: Romanos. Paulo. Revelação. Criação. Teologia Natural.

Abstract

God makes himself known through creation (Rom 1,20), has left in the visible his own *imprimatur*. In the work of nature it is possible to grasp some divine attributes: the good, the beautiful, the true and the good. Chaos became cosmos through God's

creative action. However, the order given by the Creator to his work has been disturbed by human action. The misuse of what has been entrusted to human beings (Gen 1:26) produces a variety of ills, disfiguring nature and causing catastrophic natural phenomena. What God created and saw as good (Gen 1,1-25) has become a scourge for humanity. The Bible presents the image of divine wrath, in many cases through the image of fire and storm. Human beings, arrogating to themselves the wisdom to manage their lives and the world, ignore God's action manifested in creation, disturb the divine order of nature and produce a world in their own image (Rom 1,21-23). In this sense, this article, through exegetical analysis and theological commentary on Rom 1,18-23, presents elements for contemplating the manifestation of God in his creation, as the place of the imprimatur Dei, imprinted on nature.

Keywords: Romans. Paul. Revelation. Creation. Natural Theology.

Introdução

A partir da modernidade, com o desenvolvimento do método científico, o ser humano volta o olhar para si e questiona-se acerca da sua capacidade de conhecer o mundo e sobre as características daquilo que pode ser considerado um conhecimento válido e verdadeiro. Isso levou a uma forma diferente de relação com a natureza, paulatinamente, graças à excessiva valorização da razão instrumental e do positivismo científico, foram colocadas à parte interpretações animistas e reflexões metafísicas do mundo. A natureza tornou-se, quase que exclusivamente, um bem a ser explorado pelo ser humano.

Desse modo, a revolução científica em relação quase que simbiótica com o desenvolvimento do capitalismo, levou a sociedade a deixar de contemplar a natureza, pois esta é apenas “matéria-prima” para a produção de bens de consumo. Todavia, ao deixar de contemplar o mundo, o ser humano deixou de contemplar a “assinatura” do Criador deixada em sua obra. Embora a revelação em Jesus seja a manifestação definitiva de Deus, cerca de metade da população mundial sequer ouviu falar de Jesus.

Portanto, encontrar formas de contemplar a presença e a ação de Deus no mundo é uma questão urgente. Tal urgência não se deve a alguma forma de proselitismo, mas do necessário ordenamento do mundo em conformidade com a vontade do Criador. Entretanto não se pode interpretar isso como um moralismo, mas é uma oportunidade dada ao ser humano para desenvolver plenamente todas as suas potencialidades.

Nesse sentido, a perícope de Rm 1,18-23, uma das cartas protopaulinas¹, aceitas desde o início do cristianismo², é salutar e com uma mensagem extremamente atual: se a razão instrumental leva o ser humano a arrogar-se sábio, parar nas conclusões que ela possibilita, simplesmente, conduz o ser humano ao engano e ao erro; pelo contrário, é preciso ir além do óbvio, do visível aos olhos em um primeiro contato. Assim, nessa pesquisa apresenta-se que é possível uma teologia natural ao contemplar a revelação divina através do *imprimatur Dei* nas coisas criadas. Sem confundir-se com a sua obra, o Criador deixou como que seu código genético nas obras de sua mão, e é precioso ler e estudar a criação a partir da gramática do Criador.

Para lograr esse objetivo, a presente pesquisa segue o Método Histórico-Crítico nos seguintes passos: segmentação e tradução, crítica textual, delimitação, verificação da unidade textual e a forma do texto. Por fim, através de uma pesquisa de cunho bibliográfico-exploratório é feito o comentário exegético-teológico de Rm 1,18-23 e uma reflexão acerca do conceito *imprimatur Dei*.

1. Segmentação e tradução de Rm 1,18-23

O primeiro passo para a tradução de um texto é compreender como os sintagmas se relacionam e formam o texto. Essas menores unidades de sentido são reconhecidas a partir dos verbos, explícitos ou implícitos. Em seguida, as conjunções e a pontuação indicam ao exegeta como os segmentos se relacionam entre si. Embora haja uma ordem habitual para as palavras em uma oração, no grego bíblico a sintaxe é reconhecida em pronomes e substantivos, a partir da declinação e não de sua posição na oração.³ Esse aspecto da língua grega reforça a importância da segmentação para traduzir-se corretamente, pois através dela é oferecido ao exegeta com maior nitidez como a construção do texto se deu, além de facilitar o reconhecimento de algumas figuras de linguagem⁴, como se pode perceber na segmentação e na tradução de Rm 1,18-23, na tabela a seguir.

¹ GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, p. 19-41; GONZAGA, W., *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*, p. 41-60.

² GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 407-407.

³ SILVA, C. M. D., *Metodologia de exegese bíblica*, p. 128.

⁴ GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., “O reino dos céus será semelhante a dez virgens”, p. 273.

18a	Ἀποκαλύπτεται γὰρ ὀργὴ θεοῦ ἀπ' οὐρανοῦ ἐπὶ πᾶσαν ἀσέβειαν καὶ ἀδικίαν ἀνθρώπων	É revelada, pois, a ira de Deus, desde o céu, sobre toda impiedade e injustiça dos homens (<i>seres humanos</i>),
18b	τῶν τὴν ἀλήθειαν ἐν ἀδικίᾳ κατεχόντων,	aqueles que, a verdade na injustiça, aprisionam,
19a	διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς·	porque o que se pode conhecer de Deus está manifesto entre eles:
19b	ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφανερώσεν.	Deus, pois, manifestou-se a eles.
20a	τὰ γὰρ ἀόρατα αὐτοῦ ἀπὸ κτίσεως κόσμου τοῖς ποιήμασιν νοούμενα καθορᾶται, ἢ τε αἰδῖος αὐτοῦ δύναμις καὶ θεϊότης,	Pois as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, depois de apreendidas ⁵ pelas coisas feitas, são vistas: tanto o seu poder eterno quanto sua divindade,
20b	εἰς τὸ εἶναι αὐτοὺς ἀναπολογήτους,	de modo, ⁶ serem, eles, indesculpáveis.
21a	διότι γνόντες τὸν θεὸν	Porque conhecendo a Deus,
21b	οὐχ ὥς θεὸν ἐδόξασαν	não o glorificaram como Deus,
21c	ἢ ἡυχάριστήσαν,	nem deram graças,
21d	ἀλλ' ἐματαιώθησαν ἐν τοῖς διαλογισμοῖς αὐτῶν	mas estontearam em seus raciocínios
21e	καὶ ἐσκοτίσθη ἡ ἀσύνετος αὐτῶν καρδιά.	e foi obscurecido seu obtuso coração.
22a	φάσκοντες εἶναι σοφοὶ	Afirmando serem sábios
22b	ἐμωράνθησαν	se fizeram tolos
23	καὶ ἥλλαξαν τὴν δόξαν τοῦ ἀφθάρτου θεοῦ ἐν ὁμοιώματι εἰκόνος φθαρτοῦ ἀνθρώπου καὶ πετεινῶν καὶ τετραπόδων καὶ ἔρπετων.	e mudaram a glória de Deus incorruptível em semelhança da corruptível imagem de homem, de aves, de quadrúpedes e de répteis.

Fonte: texto grego da NA²⁸; tradução e tabela dos autores.

⁵ Como é possível no grego, o particípio foi traduzido com sentido adverbial temporal. POGGI, F., Curso Avanzado de Griego del Nuevo Testamento, p. 242.

⁶ “εἰς τὸ/de modo” seguido de verbo no infinitivo pode introduzir uma oração subordinada consecutiva.

2. Crítica textual

A carta aos Romanos é aceita pela comunidade cristã desde o seu primórdio e consta em todos os cânones da Igreja Primitiva.⁷ Se a canonicidade do texto não é problemática, a transmissão apresenta suas questões. Isso se deve ao fato de o texto original não existir mais. Desse modo, como o ponto de partida da exegese é o texto, diante dos inúmeros testemunhos textuais é preciso confrontá-los a fim de encontrar o texto que pode ser considerado o mais próximo da versão original.⁸ Para isso, o exegeta precisa seguir rigorosamente a metodologia da crítica textual.

Desse modo, nesta etapa da exegese depara-se com inúmeros papiros, códices, unciais, minúsculos e lecionários, a importância de cada um varia de livro para livro e dentro do próprio livro. Essa valoração diferente deve-se a antiguidade, a corrupção do material do testemunho e as correções.⁹ Isso faz com que a crítica externa, que compara os testemunhos textuais, prevaleça sobre a crítica interna, que tira suas conclusões a partir dos textos em si. Assim, a crítica interna é aplicada, geralmente, quando a crítica externa, após pesar os testemunhos textuais, não consegue chegar a uma conclusão.¹⁰

Para Romanos, os testemunhos textuais consistentes e que norteiam a crítica textual dessa pesquisa são: os papiros P¹⁰, P²⁶, P²⁷, P³¹, P⁴⁰, P⁴⁶, P⁶¹, P⁹⁴, P⁹⁹, P¹¹³ e P¹¹⁸; os N (01) Codex Sinaiticus, A (02) Codex Alexandrinus, B (03) Codex Vaticanus, C (04) Codex Ephraemi Syri rescriptus, D (06) Codex Claromontanus, F (010) Codex Augiensis, G (012) Codex Boernerianus, K (018) Codex Mosquensis, L (020) Codex Angelicus, P (025) Codex Porfirianus, Ψ (044) Codex Athous Lavrensis, 048, 0172, 0209, 0219, 0220, 0221, 0278, 0285, 0289; os minúsculos e lecionários 33, 81, 104, 365, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881, 2464, l 249 e l 846.

No v.18b após “τὴν ἀλήθειαν/a verdade” há a adição de “τοῦ θεοῦ/de Deus” em alguns códices latinos do século IX, na Vulgata Clementina, na versão copta *Sahidic* e nos escritos de Ambrósio. A adição não goza de apoio dos testemunhos textuais consistentes para Romanos, assim sendo, opta-se pela omissão de “τοῦ θεοῦ/de Deus”.

O Codex Angelicus e o minúsculo 1506 omitem “αἰῶς/eterno” no v.20a. O pouco apoio de testemunhas textuais consistentes torna a opção de manter “αἰῶς/eterno” no texto a opção recomendada, visto que se tratam de testemunhos isolados e de menor peso¹¹.

⁷ GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*.

⁸ SCHREINER, J., *Ejemplo de crítica textual bíblica*, p. 113.

⁹ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, p. 214; GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., “E vendo-o, foi compadecido e cuidou dele”, p. 263-264.

¹⁰ GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., “Anuncio-vos uma grande alegria: hoje vos nasceu um salvador”, p. 508.

¹¹ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, p. 222.

No v.23 “ἡλλάξαν/*mudaram*” possui a variante “ἡλλάξαντο/*mudaram*” no Codex Mosquensis e nos minúsculos 6 e 630. Em grego, os dois verbos estão na terceira pessoa do plural aoristo, a diferença é que o primeiro está na voz ativa e o segundo na voz média. Para efeitos de tradução não há diferenças. Neste caso, a variante pode ter surgido em assimilação ao SI 115,20a: “καὶ ἡλλάξαντο τὴν δόξαν αὐτῶν ἐν ὁμοιώματι/*e mudaram a sua glória em imagem*”. Recomenda-se, com isso, “ἡλλάξαν/*mudaram*”, pois esta possui maior atestação nos testemunhos textuais consistentes para Romanos, se confirmando com o a *lectio communis*¹².

3. Delimitação, desenvolvimento e estrutura do texto

Um texto constitui-se como um conjunto de elementos interligados com coesão e coerência, de modo que o evento comunicativo seja possível através da leitura e compreensão do texto.¹³ Nesse sentido, como a exegese possui como objeto material o texto, o primeiro passo consiste em delimitar, dentro do livro bíblico, seu objeto de pesquisa. Em outros termos, cabe ao pesquisador reconhecer a unidade textual do texto a ser trabalhado, isto é determinar onde ele se inicia e onde se encerra.

Posto isso, vê-se que o conceito de texto apresenta certo grau de fluidez: a Carta aos Romanos, por exemplo, pode ser considerada um texto em sua totalidade; todavia é composta por seções maiores que também são textos e estas são compostas por unidades menores, comumente chamadas de perícopes, que são as várias passagens do livro/texto. Nas perícopes, pode até mesmo haver, a depender da forma, outras subunidades textuais com sentido. O exemplo dado permite reconhecer que a Carta aos Romanos sendo um texto, ela é composta por outros textos, mas articulados entre si, de modo que Romanos seja uma unidade literária coesa e coerente. A delimitação das seções, perícopes e subunidades textuais considera todo o contexto literário no qual o texto de estudo está inserido e a partir de critérios temáticos e de critérios formais é capaz de individuar os diferentes textos e compreender como estes se relacionam entre si.¹⁴

Rm 1,18¹⁵, tematicamente, difere bastante do contexto imediato anterior. Em Rm 1,16-17, Paulo trata da justificação, ou seja, da salvação daquele que crê. O último segmento do v.17 conclui a breve unidade textual de Rm 1,16-17 tal como sua forma indica: “ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται/*Portanto, o justo, pela fé, viverá*”. O aspecto conclusivo do v.17 é ressaltado pelo anúncio da ira de Deus no v.18a: “Ἀποκαλύπτεται

¹² GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹³ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 25.

¹⁴ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 90-92.

¹⁵ CRANFIELD, C. E. B., Romans 1:18, p. 330-335.

γὰρ ὁργὴ θεοῦ ἀπ’ οὐρανοῦ/É revelada, pois, a ira de Deus, desde o céu”.¹⁶ Portanto, há uma nítida ruptura temática e o v.18 inicia uma outra unidade textual.

Rm 1,18-32 pode ser dividido em duas unidades textuais distintas que versam acerca da ação humana: sendo que os v.18-23 apresentam a manifestação divina através da criação e a opção humana por ignorar tal autocomunicação de Deus; e os v.24-32, por sua vez, apresentam as consequências de tal escolha e enumeram inúmeros desvios morais e religiosos. A conjunção coordenativa “διὸ/por isso”, que inicia o v.24, estabelece tanto a ruptura quanto a continuidade entre as duas unidades textuais. Há ruptura porque não se tratará mais da causa do comportamento humano, mas das consequências; há continuidade porque há uma relação consecutiva entre as duas unidades textuais. Portanto, pode-se considerar Rm 1,18-32 uma unidade textual composta por duas subunidades, v.18-23 e v.24-32, pois ambas possuem coesão, coerência e sentido, características necessárias de um texto.

O v.18a, com o verbo “ἀποκαλύπτεται/é revelada” na primeira posição, chama a atenção do leitor através deste *passivum divinum*, de que Deus dá a conhecer a sua ira, não sobre os homens, mas sobre “πᾶσαν ἀσέβειαν καὶ ἀδικίαν ἀνθρώπων/toda impiedade e injustiça dos homens”. O genitivo absoluto “τῶν κατεχόντων/aqueles que aprisionam” tem o artigo e o verbo na forma participial separados, formando um hiperbato. Com essa figura de linguagem aproxima-se “aqueles”, os homens, daquilo que eles vilempediam, “τὴν ἀλήθειαν/a verdade”.

A conjunção subordinativa “διότι/porque”, no v.19a, introduz uma oração explicativa para apresentar o motivo pelo qual os homens despertam a ira de Deus e ignoram a verdade: “τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς/o que se pode conhecer de Deus está manifesto entre eles”. O v.19b especifica o v.19a, o que se manifestou entre os homens não foi um saber acerca de Deus, pois “ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφανερώσεν/Deus, pois, manifestou-se a eles”. Assim, o v.20a traz a consequência da manifestação de Deus através de sua obra, é possível apreender seu poder e sua divindade a partir das coisas feitas por ele. “εἰς τὸ/de modo” introduz uma oração subordinada consecutiva, v.20b, que reforça a nítida manifestação de Deus em sua criação, de modo que, ignorá-la não isenta da culpa. v.21a, “γινόντες/conhecendo” e v.22a, “φάσκοντες/afirmando” abrem sequências, v.21b-21e e v.22b-23, que expõem as consequências de “aprimorar a verdade na injustiça”, v.18b. Em todo o texto prevalece o campo semântico epistemológico, que a manifestação de Deus, v.19b, com a tolice, v.22b, daqueles que não a reconhecem.

No v.18a, há o anúncio da ira divina e, em seguida, apresenta-se aqueles que a despertaram, v.18b. Os v.18a-19a apresentam a defesa de Deus, pois este se deu a conhecer. Com isso, os acusados, no v.20b, não podem se escusar da culpabilidade de

¹⁶ SCOGGINS, J., Romans 1:18, p. 415.

suas ações, no v.21. A forma de pensar e agir dos acusados traz como consequência a tolice e a idolatria. Assim, a narrativa assume contornos de uma argumentação apologética, pois, isenta Deus de qualquer culpa ao confrontar a sua manifestação na criação com as obras injustas dos homens. Uma possível estrutura do desenvolvimento da argumentação segue abaixo:

Anúncio	18a	Ἀποκαλύπτεται γὰρ ὀργὴ θεοῦ ἀπ’ οὐρανοῦ ἐπὶ πᾶσαν ἀσεβειαν καὶ ἀδικίαν ἀνθρώπων É revelada, pois, a ira de Deus, desde o céu, sobre toda impiedade e injustiça dos homens (<i>seres humanos</i>),
Acusados	18b	τῶν τὴν ἀλήθειαν ἐν ἀδικίᾳ κατεχόντων, aqueles que, a verdade na injustiça, aprisionam,
1º argumento apologético: Deus se dá a conhecer	19a	διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς· porque o que se pode conhecer de Deus está manifesto entre eles:
	19b	ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφάνερωσεν. Deus, pois, manifestou-se a eles.
	20a	τὰ γὰρ ἀόρατα αὐτοῦ ἀπὸ κτίσεως κόσμου τοῖς ποιήμασιν νοούμενα καθορᾶται, ἢ τε αἰδῖος αὐτοῦ δύναμις καὶ θεϊότης, Pois as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, depois de apreendidas pelas coisas feitas, são vistas: tanto o seu poder eterno quanto sua divindade,
Acusados	20b	εἰς τὸ εἶναι αὐτοὺς ἀναπολογήτους, de modo, serem, eles, indesculpáveis.
2º argumento apologético: Ações dos acusados	21a	διότι γνόντες τὸν θεὸν Porque conhecendo a Deus,
	21b	οὐχ ὡς θεὸν ἐδόξασαν não o glorificaram como Deus,
	21c	ἢ ἡὐχαρίστησαν, nem deram graças,
	21d	ἀλλ’ ἐματαιώθησαν ἐν τοῖς διαλογισμοῖς αὐτῶν mas estontearam em seus raciocínios
	21e	καὶ ἐσκοτίσθη ἡ ἀσύνετος αὐτῶν καρδιά. e foi obscurecido seu obtuso coração.
Consequências das ações dos acusados	22a	φάσκοντες εἶναι σοφοὶ Afirmando serem sábios
	22b	ἐμωράνθησαν se fizeram tolos

	23	καὶ ἡλλαξαν τὴν δόξαν τοῦ ἀφθάρτου θεοῦ ἐν ὁμοιώματι εἰκόνοσ φθαρτοῦ ἀνθρώπου καὶ πετεινῶν καὶ τετραπόδων καὶ ἐρπετῶν. e mudaram a glória de Deus incorruptível em semelhança da corruptível imagem de homem, de aves, de quadrúpedes e de répteis.
--	----	--

Fonte: texto grego da NA²⁸; tradução e tabela dos autores.

4. Comentário exegético

O v.18a abre a unidade textual dessa pesquisa com uma forma verbal passiva do verbo “ἀποκαλύπτω/revelar” (“Ἀποκαλύπτεται/é revelada”).¹⁷ O sentido básico dessa raiz é descobrir ou revelar. Até o século I a.C. seu uso religioso-teológico é escasso, na literatura helenística, para referir-se às revelações ou aparições das divindades era mais comum o uso das formas verbais “σημαίνω/aclarar”, “ἐπιφάνεια/aparecer” e “παρουσία/presença”. Até mesmo na LXX o uso religioso-teológico dessa raiz é raro (Nm 22,31; 24,4.16). Por sua vez, o Novo Testamento também não conta com um amplo uso do verbo “ἀποκαλύπτω/revelar”, mas distingue-se do Antigo Testamento ao predominar o sentido religioso-teológico em suas ocorrências.¹⁸ Assim, percebe-se que a literatura neotestamentária, para referir-se à “revelação divina”, afastou-se, em certa medida, do vocabulário habitual da literatura grega e da literatura veterotestamentária. Talvez seja uma forma de distinguir a revelação de Deus a partir da encarnação de Jesus de toda e qualquer outra manifestação divina anterior a esta.¹⁹

Entretanto, se a revelação neotestamentária é de outra categoria, o sujeito paciente, isto é, aquele que se revela é a “ὀργή θεοῦ/ira de Deus”, um tema comum no Antigo Testamento. Ao voltar-se para o conceito de “ὀργή θεοῦ/ira de Deus” vê-se que significa uma manifestação externa e violenta fruto de uma indignação furiosa. Todavia, a “ὀργή θεοῦ/ira de Deus” não deve ser compreendida como um *affectus* ou mero antropopatismo, mas como *effectus* operativo. Isso faz com que a vinda de Cristo ao mundo não seja a vinda de um “justiceiro”, mas do “justificador”; com isso, a economia salvífica é, de fato, o encontro entre a justiça e a misericórdia²⁰, a partir do

¹⁷ Em grego, a forma lexical dos verbos é a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Por sua vez, em português, é o infinitivo. Com isso, nessa pesquisa, sempre que se apresentar a forma verbal lexical grega, a tradução portuguesa será no infinitivo.

¹⁸ MUNDLE, W., *Revelación (ἀποκάλυψις)*, p. 98-100.

¹⁹ BALZ, H., *ἀποκαλύπτω*, p. 392-394.

²⁰ PENNA, R., *Lettera ai Romani*, p. 173.

encontro com o Cristo compassivo²¹. Desse modo, a “ὀργή θεοῦ/*ira de Deus*”, não é irracional, como muitas vezes, a ira humana é. Aliás, a “ὀργή θεοῦ/*ira de Deus*” sequer pode ser considerada como uma falta de amor divino. Pelo contrário, é uma expressão eloquente de seu amor, pois diante da maldade humana, Deus sem negar a si mesmo, coerentemente, reage com ira. Uma ira de perfeita bondade pois revela a justa indignação de Deus²², como bem expressa Paulo aos Romanos.

Esta ira, é revelada “ἀπ’ οὐρανοῦ/*desde o céu*”. Isso denota que nada escapa do olhar divino, pois, tudo que está debaixo dos céus, pode ser visto por Ele. Tal constatação é corroborada pelo uso do adjetivo “πᾶσαν/*toda*”, o qual especifica que Ele vê toda “ἀσέβεια/*impiedade*” e toda “ἀδικία/*injustiça*”.²³ Embora esses dois termos não sejam sinônimos, Paulo pode estar utilizando-os com certa equivalência, de modo que os destinatários, independentemente de serem judeus ou greco-romanos, compreendam de qual pecado estão sendo acusados. Isso é possível, porque na cultura greco-romana o termo “ἀσέβεια/*impiedade*” pode ser considerado um crime hediondo ao configurar uma ofensa contra a divindade, especialmente no culto cívico. Por sua vez, “ἀδικία/*injustiça*”, *mutatis mutandi*, também expressa o desrepeito à YHWH para um judeu, ao ser um dos termos que define a oposição dos humanos contra Deus na cultura semita.²⁴

A similitudine de “ἀσέβεια/*impiedade*” e “ἀδικία/*injustiça*” na perícope dessa pesquisa (Rm 1,18-23) pode ser percebida no segmento do v.18b, podendo, com isso ser interpretada como uma hendíase, ou seja, expressa uma única ideia através de dois conceitos distintos. Isso é possível através do uso do verbo “κατέχω/*aprimonar*” como um participio genitivo com valor absoluto.²⁵ Desse modo, reconhece-se que os impiedosos e os injustos cometem o mesmo pecado: aprisionar a verdade na injustiça” (Rm 1,18b), com inversão de valores e corrupção da verdade. O verbo “κατέχω/*aprimonar*” é uma forma intensiva de “ἔχω/*ter*”, seu significado básico é manter firme, reter, conter ou possuir. Seu uso religioso pode conotar posse ou êxtase. Essa forma verbal pode ser utilizada em um “elogio” para indicar que o sujeito guarda valores espirituais e ensinamentos recebidos (Lc 8,15; 1Cor 11,2) ou como em Rm 1,18b, para indicar um “aprimonar injustamente”.²⁶

A acusação paulina de “aprimonar a verdade na injustiça” (Rm 1,18b) traz a lume o fato de que os seres humanos estão suprimindo a verdade ao não reconhecer Deus como Criador. Esse comportamento humano prescinde da verdade e opera a favor

²¹ GONZAGA, W., Um Cristo compassivo e misericordioso (Lc 15,11-32), p. 92-112; GONZAGA, W.; BELEM, D. F., A Vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso, p. 127-143.

²² CRANFIELD, C., La Lettera di Paolo ai Romani (capitoli 1-8), p. 45.

²³ MOO, D., Romanos, p. 131.

²⁴ JEWETT, R., Romans, p. 152.

²⁵ MATERA, F., Romans, p. 48.

²⁶ HANSE, H., κατέχω, p. 1354-1358.

da impiedade e da injustiça, com consequências irrecuperáveis para o ser humano e para a obra da criação. Com isso, os relacionamentos humanos consigo mesmo, com o próximo e com o mundo são impactados negativamente, pois toda e qualquer relação humana não pode ser considerada à parte da relação com Deus. Já que a relação com Deus é determinante para que a ação humana manifeste a verdade ou a aprisione na injustiça. Assim, percebe-se que Paulo não apresenta a verdade enquanto uma categoria filosófica, um dos transcendentais gregos, ou alguma outra abstração, mas como a eloquente e efusiva manifestação de Deus através de sua criação. Desse modo, a acusação genérica do v.18b prepara os versículos seguintes, nos quais tal acusação será especificada.²⁷

Para Paulo, a constatação da existência de Deus não é mera possibilidade. O v.19a é explícito quanto a isso, pois nele se lê que o conhecimento de Deus é acessível a todos, uma vez que este é manifesto. Na criação, encontra-se o *imprimatur Dei*. Como que se dá no método dedutivo, que a partir dos particulares chega-se ao universal, é possível a partir da contemplação do mundo constatar a existência daquele que o criou.²⁸ A realidade divina é acessível ao ser humano pois, a vontade divina graciosamente, ao criar o mundo, ofereceu essa possibilidade a toda humanidade para reconhecê-lo. Surge, nesse íterim, uma discussão acerca de uma “teologia natural”,²⁹ essa questão, por ser o cerne dessa pesquisa, é apresentada após o comentário exegetico-teológico.

A dupla ocorrência da mesma raiz do verbo “φανερώ/*manifestar*”, nos v.19a e 19b, reforça que de fato Deus se manifestou a todos. Em sua obra, o Criador revela o suficiente acerca de si mesmo para que todos possam reconhecê-lo e conhecê-lo mais perfeitamente. Desse modo, é inútil alegar que não se poderia conhecer a Deus, tal como o v.20 expressa.³⁰ A conjunção coordenativa “γὰρ/*pois*”, no início do v.20a, liga esse versículo ao anterior e, nesse caso, estabelece qual tipo de subordinação o v.20 tem em relação ao v.19b, sendo explicativa.

A partir daí, Paulo encontra uma forma de mostrar como alguns atributos divinos, que apesar de serem “τὰ ἀόρατα/*coisas invisíveis*”, podem ser apreendidos: estes atributos foram manifestos “τοῖς ποιήμασιν/*pelas coisas feitas*”. Isso implica que Paulo acreditava que toda pessoa, em qualquer tempo ou lugar, pode conhecer os atributos divinos básicos: “ἢ τε αἰδῖος αὐτοῦ δύναμις καὶ θεϊότης/*tanto o seu poder eterno quanto sua divindade*” (v.20a).³¹ O conhecimento básico de Deus é acessível a todos, todavia, uma distinção é necessária, uma vez que há algo sobre Deus revelado a

²⁷ DUNN, J., Comentário à Carta de Paulo aos Romanos, p. 102.

²⁸ BARBAGLIO, G., As cartas de Paulo II, p. 153.

²⁹ KÄSEMANN, E., Commentary on Roma, p. 39.

³⁰ KEENER, C., Romans, p. 59-60.

³¹ SERNA, E. de la., La revelación de la cólera de Dios a los ídólatras (Rom 1,18-2,10), p. 44.

todos a partir da estrutura do mundo e há algo que só pode ser apreendido a partir da revelação. Pois, se Deus se desse a conhecer “totalmente” na criação não seria necessária a manifestação de Deus como se vê no Antigo Testamento e, sobretudo, na plenitude dos tempos, na encarnação do Filho de Deus.³²

A oração do v.20a possui uma sintaxe complexa. Nela retoma-se, como se pode entrever no parágrafo anterior, o sujeito dessa oração: “τὰ ἀόρατα/coisas invisíveis”; por sua vez, este é especificado através de um aposto: “ἡ τε αἰδῖος αὐτοῦ δύναμις καὶ θεϊότης/tanto o seu poder eterno quanto sua divindade” (v.20a). O vocabulário do v.20a permite reconhecer a boa cultura de Paulo e o quanto, em certa medida, ele foi influenciado pela mentalidade helenista. Isso ocorre devido ao recurso retórico utilizado, o oxímoro, no qual ele afirma uma aparente contradição sem, contudo, não incorrer nela: “ἀόρατα/as coisas invisíveis” são “καθοράται/vistas”. O influxo helenista é percebido também através do vocabulário, pois os termos mais importantes do v.20a são comuns na literatura helenista e raros na literatura neotestamentária: o substantivo “θεϊότης/divindade” é um *hápax* neotestamentário; e o adjetivo “αἰδῖος/eterno” possui apenas mais uma ocorrência (Jd 6, no plural: αἰδίους).³³

Se o acesso a Deus é possível a toda e qualquer pessoa através da contemplação de sua criação, aqueles que a negam encontram-se em uma situação delicada diante de Deus. Essa condição, daqueles que aprisionam a verdade na injustiça, ao ignorarem o *imprimatur Dei* em sua obra são enquadrados na condição de alguém que é “ἀναπολόγητος/indesculpável” (v.20b).³⁴ Essa situação crítica se dá pelo fato que a verdadeira automanifestação de Deus ocorreu “ἀπὸ κτίσεως κόσμου/desde a criação do mundo”, ou seja, desde sempre o ser humano é cercado de evidências acerca do poder e da divindade de Deus, de modo que deixar de reconhecer Deus como Criador, para Paulo, implica, em certa medida, na negação da própria realidade.³⁵

O v.21 considera a manifestação de Deus na criação tão evidente (v.19-20), que afirma, categoricamente, que todos conhecem a Deus. Assim, o que distingue os seres humanos é a forma através da qual cada um se relaciona com Deus, já que o conhecimento da existência dele é dado a todos. A partir disso, a postura esperada é dada pelos verbos “δοξάζω/glorificar” (v.21b) e “εὐχαριστέω/dar graças” (v.21c). O verbo “δοξάζω/glorificar” é comum no Novo Testamento, com 60 ocorrências, sendo 12 na literatura paulina³⁶. Embora possa ser utilizado nas relações pessoais, o uso preponderante no Novo Testamento é em relação a Deus. Seu sentido básico é de

³² LONGENECKER, R., The Epistle to the Romans, p. 289-292.

³³ MOO, D., Romanos, p. 134.

³⁴ CRANFIELD, C., La Lettera di Paolo ai Romani (capitoli 1-8), p. 49.

³⁵ COLLINS, J., Romans 1:20, p. 102.

³⁶ HEGERMANN, H., δοξάζω, p. 1056-1057.

“glorificar”, “honrar” e “elogiar”. Quando se refere a Deus, “δοξάζω/*glorificar*” é uma forma de “professar” – ou não, como no v.21b – a fé em Deus.

Por sua vez, o verbo “εὐχαριστέω/*dar graças*” (v.21c) ocorre 38 vezes no Novo Testamento, com maior ocorrência nos escritos paulinos³⁷. Normalmente o objeto verbal é Deus e significa, basicamente dar graças, estar agradecido, abençoar um alimento. Deixar de glorificar e de dar graças a Deus traz, ao menos, duas consequências para o ser humano identificadas pelos verbos “ματαιίω/*estontear*” (v.21d) e “σκοτίζω/*obscurecer*” (v.21e). O verbo “ματαιίω/*estontear*” (v.21d) denota fazer em vão ou mostrar-se vão, donde conota inútil, sem valor, enganoso, estonteado. Com a mesma raiz, há palavras como “ματαιολογία/*palavra vazia*” (1Tm 1,6) e “ματαιολόγος/*charlatão*” (Tt 1,10). O verbo “ματαιίω/*estontear*” é um *hápax* neotestamentário e na LXX possui apenas 7 ocorrências.³⁸ Sobretudo, a partir das palavras derivadas desse verbo, percebe-se que ficar “estonteado” não é ficar desorientado, pois aquele que age dessa forma possui a intenção de enganar para beneficiar-se. Isso faz com que aqueles que “ἐματαιώθησαν ἐν τοῖς διαλογισμοῖς αὐτῶν/*estontearam em seus raciocínios*” (v.21d), por si mesmo, deixem de agir com justiça e retidão.

Já “σκοτίζω/*obscurecer*” (v.21e) é adequadamente compreendido quando não se atém apenas ao seu sentido denotativo, estar na escuridão, mas ao considerar seu sentido existencial: um impedimento à ação e de ver à frente. Isso faz com que “σκοτίζω/*obscurecer*” conote uma condição humana de viver sem notoriedade ou, como no v.21e, a falta de conhecimento, de discernimento, ou seja, uma vida no erro. Entretanto, não se trata de qualquer erro, porque, seja na literatura helenística seja na literatura bíblica, “φῶς/*luz*” conota a possibilidade de viver, logo “σκοτίζω/*obscurecer*” é a perda dessa possibilidade.³⁹

Os segmentos v.21d e v.21e introduzem os v.22-23. Paulo, todavia, não faz um juízo indiscriminado contra o paganismo, mas devido a automanifestação do Criador (v.19-20) em sua obra, a crítica ao paganismo é direcionada e leva-o a constatar que “ἐματαιώθησαν ἐν τοῖς διαλογισμοῖς αὐτῶν καὶ ἐσκοτίσθη ἡ ἀσύνητος αὐτῶν καρδιά/*estontearam em seus raciocínios e foi obscurecido seu obtuso coração*” (v.21de). O paralelismo entre “διαλογισμός/*raciocínio*” e “καρδιά/*coração*” é sinonímico, isto é, faz com que estes termos possuam o mesmo valor semântico no segmento v.21d e v.21e. Aqui, novamente, se reconhece que entre os destinatários da carta há cristãos oriundos do judaísmo e do paganismo, pois Paulo utiliza termos que nas respectivas culturas referem-se ao intelecto e à mente. Desse modo, observa-se que

³⁷ PATSCH, H., εὐχαριστέω, p. 1693.

³⁸ BALZ, H., ματαιίω, p. 191.

³⁹ CONZELMANN, H., σκότος, p. 594-597.

o comportamento externo é fruto da interioridade intelectual e espiritual. Isso faz com que a denúncia paulina não seja mera prolixia dos sintomas, os comportamentos externos, pois volta-se para a raiz de tais males: a interioridade humana.⁴⁰

O “ματαιολόγος/charlatão” apresenta-se como “σοφός/sábio”, todavia a crítica de Paulo será dura, pois ele utiliza o verbo “μωραίνω/fazer-se tolo” (v.22). O sentido desse verbo no Novo Testamento pode ser compreendido à luz do uso que Mateus faz do termo “μωρός/tolo”, no qual não se constata apenas um autoengano ou a insensatez de se fazer tolo (“μωραίνω/fazer-se tolo”), mas também o quanto estes possuem uma moral duvidosa e a prática de tentar enganar as pessoas:

O termo “μωρός/tolo” é utilizado por Mateus para caracterizar alguma pessoa em 7,26 para referir-se àqueles que ouvem a palavra de Jesus e não a colocam em prática; em 23,17 na discussão com os escribas e com os fariseus, sobre o desvio na interpretação da lei. Também há uma forma verbal com essa raiz em 5,13, “μωραίνω/perde o sabor”. Com isso, percebe-se, a partir desses textos, que a tolice se evidencia através do afastamento da vontade de Deus: (1) ao ignorar sua palavra, cf. 7,26; (2) ao manipular sua palavra, cf. 23,17; (3) ao inutilizar sua palavra, cf. 5,13. Portanto, o agir do ser humano tornar-se-á tolo na medida em que ele fica indiferente a Deus e descuida da sabedoria exigida por uma existência autenticamente humana.⁴¹

No v.22, Paulo apresenta um tom irônico. Inicialmente, naquele contexto – e não é diferente hoje – uma das características do “σοφός/sábio” é a humildade, ou seja, afirmar-se ser um “σοφός/sábio” já lança alguma “sombra de dúvida” acerca da veracidade de tal afirmativa. Mas o aspecto mais nítido da ironia é que nestes pretensos sábios, não se encontra a coerência entre o conhecimento teórico e a sua aplicação prática, uma vez que sua ação não condiz com o que eles sabem sobre Deus. Neste sentido, ao comentar a Carta aos Romanos, Dunn afirma que: “A tragédia é que eles não reconhecem a disparidade: apesar dessa insensatez, eles ainda afirmam ser sábios; sua futilidade é a medida da sua sabedoria.”⁴²

Calvino, em seu comentário à Carta aos Romanos, apesar de sua antropologia um tanto quanto negativa, traz uma valiosa contribuição para a atualidade ao alertar que qualquer pessoa pode incorrer naquilo que é denunciado por Paulo, pois, em certa medida, cada um corre o risco de construir para si um “deus” à sua imagem:

De fato, não havia ninguém que não procurasse formar algumas ideias sobre a majestade de Deus e torná-lo um Deus como eles poderiam concebê-lo de acordo com sua própria razão. Essa presunção, eu afirmo, não é aprendida nas escolas, mas é inata, e vem conosco,

⁴⁰ PENNA, R., Lettera ai Romani, p. 182-183.

⁴¹ GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., “O reino dos céus será semelhante a dez virgens”, p. 279.

⁴² DUNN, J., Comentário à Carta de Paulo aos Romanos, p. 87.

por assim dizer, desde o útero. De fato, é evidente que esse é um mal que tem prevalecido em todas as épocas. [...] A arrogância, portanto, que é condenada aqui é esta – que os homens procuraram ser sábios por si mesmos, e rebaixar Deus ao nível de sua própria condição inferior, quando deveriam humildemente ter dado a ele sua própria glória.⁴³

Assim, o v.23 conclui expressando com clareza aquilo que fora denunciado como no v.18b: os autoproclamados sábios aprisionam a verdade na injustiça através da idolatria. A tolice (v.22) pode ser constatada pela criação dos sábios “ἐν ὁμοιώματι εἰκόνοϋς/em semelhança da imagem”, uma expressão que poderia ser traduzida como “fac-símile de uma imagem”, ou seja, cópia da cópia. Assim, Paulo expõe o “ματαιολόγος/charlatão” em pele de “σοφός/sábio”.⁴⁴ Isso faz com que, não obstante a revelação divina através da criação – o *imprimatur Dei* – aqueles que se perdem em seus raciocínios vazios, acabem por trocar uma pessoa de valor incomensurável, tal como a divindade e o poder eterno de Deus demonstram, por coisas fúteis. Em certa medida, Paulo apresenta a idolatria como uma das causas do pecado.⁴⁵

5. Imprimatur Dei

O Magistério da Igreja Católica ensina que a revelação divina possui duas modalidades: a natural e a sobrenatural. A primeira manifesta-se na criação e pode ser apreendida pela razão humana. Já a segunda é uma iniciativa divina e possui sua expressão máxima na revelação do Filho de Deus. Jesus, ao revelar o Deus invisível, falou aos seres humanos como amigos e os convidou à comunhão com ele.⁴⁶ Assim, embora a revelação natural seja um testemunho válido da autocomunicação divina através das obras criadas, a revelação sobrenatural, em Jesus Cristo, torna-se normativa e a chave hermenêutica para compreender a revelação divina.⁴⁷

A expressão *imprimatur Dei* não é bíblica, mas no contexto teológico pode ser compreendida como “selo de Deus”. Através dessa expressão, apresenta-se a noção de que a criação carrega a assinatura de seu autor, possui o seu selo. A criação é uma forma da autocomunicação de Deus e o conceito *imprimatur Dei*, aqui apresentado, visa expressar essa realidade da teologia cristã. Desse modo, esse conceito, de algum modo, pertence à teologia natural e pode ser compreendido a partir da constituição dogmática *Dei Filius*, do Concílio Vaticano I:

⁴³ CALVIN, J., Commentary on Romans, p. 51.

⁴⁴ JEWETT, R., Romans, p. 161.

⁴⁵ MATERA, F., Romans, p. 51.

⁴⁶ DV 2.

⁴⁷ DV 3-4, VD 6-7.

A mesma santa mãe Igreja sustenta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, a partir das coisas criadas; “pois o invisível dele é percebido, entendido a partir da criação do mundo, por meio do que foi feito” [Rm 1,20].⁴⁸

Considerando-se a proposição do Sagrado Magistério, lida à luz da tradição bíblica, sobretudo do texto de Rm 1,18-23, é tarefa indeclinável e acessível para toda e qualquer pessoa: reconhecer a existência, a ação e os atributos de Deus através de sua criação. E, por conseguinte, glorificar e render graças a Deus, não como um mero culto ritual, mas em uma relação de cuidado e zelo para com toda a realidade na qual o ser humano está inserido. Pois, honra-se a Deus, honrando-o em tudo aquilo que leva o seu *imprimatur*.⁴⁹ Desse modo, compreende-se a criação como o “livro da natureza” no qual Deus manifesta os seus atributos, deixando registradas as suas impressões digitais.⁵⁰

Durante a maior parte da história, o conhecimento natural de Deus e o conhecimento revelado por Deus coexistiram sem grandes problemas. Entretanto, na modernidade, os deístas ingleses colocaram em questão o conhecimento revelado (sobrenatural) e postularam a existência de um conhecimento de Deus advindo apenas da natureza e acessível apenas mediante a razão – negam, de algum modo, a fé.⁵¹

A contemporaneidade, em sua pluralidade epistemológica e na ênfase no método científico, também flerta, em alguns ambientes, com o deísmo, agnosticismo e ateísmo. Nesse ínterim, a reflexão acerca do *imprimatur Dei* torna-se premente, pois pode ser um dos meios a partir do qual o ser humano possa ser devolvido a si mesmo, deixando de “aprisionar a verdade na injustiça” (Rm 1,18b) para glorificar a Deus e não a sua criação (Rm 1,23).

O *imprimatur Dei* indica a iniciativa divina para se tornar conhecido pelo ser humano, a partir de sua assinatura deixada na obra da criação. Deus é acessível ao ser humano “διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν/porque o que se pode conhecer de Deus está manifesto” (v. 19a).⁵² Entretanto, na exegese atual, há quem não aceite esta interpretação “mais simples”. Por exemplo, Ochsenmeier diz que em Rm 1,20 Paulo não está se referindo à possibilidade de se conhecer a Deus através da criação, mas através de seus atos na história.⁵³ Todavia, acaso a criação seria um ato “a-histórico”? E, além

⁴⁸ DH 3004.

⁴⁹ GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., Cultivar e conservar, p. 4.

⁵⁰ FR 19; VD 7; 25-28.

⁵¹ ZIEGLER, R., Natural knowledge of God and the Trinity, p. 133.

⁵² YOUNG, R. A., The knowledge of God in Romans 1:18-23, p. 701.

⁵³ OCHSENMEIER, E., Romans 1,20, p. 57-58.

disso, se fosse essa a intenção de Paulo, não seria melhor ele trazer exemplos mais claros e diretos da intervenção de Deus na história?

Ainda repercutindo a hipótese de Ochsenmeier, em certo sentido, pode ser correto que Paulo não queira provar a existência de Deus pois ele não escreve um “tratado de epistemologia” a fim de explicar como é possível conhecer a Deus a partir das coisas feitas (Rm 1,20a) e muito menos se trata de alguma teodiceia, mas da introdução acerca de Deus e do convite à contemplação do Criador na obra da criação. Paulo, ao afirmar que “ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφανερώσεν/Deus, pois, manifestou-se a eles” (Rm 1,19b) especifica no versículo seguinte (Rm 1,20) que essa manifestação não foi de caráter sobrenatural, pois “ἀόρατα/as coisas invisíveis” são “καθορᾶται/vistas” exatamente “τοῖς ποιήμασιν/pelas coisas feitas” (Rm 1,20). Embora o hagiógrafo não o diga, há um raciocínio dedutivo que conduz do particular ao universal, do *imprimatur Dei* ao *Deum*, ou seja, do sinal da presença de Deus se reconhece e se conhece a Deus. Nesse sentido, dado o conceito de teologia natural apresentado a partir da *Dei Filius* e ao texto paulino, negar a possibilidade do conhecimento divino a partir da criação é errôneo.⁵⁴

Ao postular que Rm 1,18-23 apresenta a possibilidade de se conhecer o Criador através da criação, oferece-se uma releitura contextualizada de Rm 1,18–3,20, conhecido como história da danação. Aquilo do qual o ser humano é acusado, sobretudo em Rm 1,18-23, pode ser o ponto de partida para um relacionamento com Deus de uma forma mais integral, holística e que não prescindia de nenhum modo através do qual Deus se revelou e se revela.⁵⁵ Isso possibilita que frente aos desafios sociais e climáticos, o ser humano empenhe-se em cuidar da casa comum.⁵⁶

Ignorar deliberadamente o *imprimatur Dei* na *opus Dei* é um dos sintomas mais claros de que a sociedade está presa ao materialismo prático, e, por isso, absolutiza o consumismo; que atrelada ao hedonismo e ao relativismo, propõe o prazer como opção fundamental; que vinculada ao imanentismo, suprime a abertura humana para o transcendente.⁵⁷ O Papa Francisco denunciou de forma contundente esses aspectos do ethos contemporâneo, chamando-o de um “antropocentrismo desviado”.⁵⁸ Com isso, é importante ter em vista a provocação de Bento XVI para reconhecer nas maravilhas do universo uma linguagem sobre o Criador, a qual é revelada pelos *mirabilia Dei*.⁵⁹

Portanto, ao se dar a devida glorificação e ação de graças ao Criador mediante a contemplação de seu *imprimatur* na obra da criação, a relação entre ser humano e Deus

⁵⁴ O’ROURKE, J., Romans 1:20 and natural revelation, p. 304.

⁵⁵ BELL, R., No one seeks for God, p. 90.

⁵⁶ FRANCISCO, PP., Carta Encíclica *Laudato Si’*. Sobre o cuidado da casa comum (2015); GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Si’* e Rm 2,28, p. 103.

⁵⁷ VS 46.

⁵⁸ LS 115-128; 204-209.

⁵⁹ VD 25-28.

se harmoniza. Aliás, embora a revelação sobrenatural, em Jesus Cristo, seja plena, definitiva e normativa, ela não tornou obsoleto o *imprimatur Dei*, pelo contrário, a encarnação do Filho de Deus é a “glorificação” do *imprimatur Dei*, e isso não tem data de vencimento. Desse modo, o ser humano reconhece a dignidade inalienável de toda a *opus Dei*, pois nela é possível contemplar o *imprimatur Dei* e, assim, reconciliado e justificado, a relação do ser humano com Deus expressa a gratidão ao Pai, por falar com o ser humano muitas vezes e de diferentes modos (Hb 1,1), entre eles, em sua criação.⁶⁰

Conclusão

A segmentação e tradução de Rm 1,18-23, embora não sejam simples, dada a extensão e a complexidade das orações que compõem o texto, porém não oferece grandes dificuldades. Como foi apontado na apresentação da forma do texto e no comentário exegético-teológico, o vocabulário traz alguns termos incomuns na literatura bíblica, mas frequentes na literatura helenística. Entretanto, tais escolhas se coadunam com a formação de Paulo e com a sua intenção de demonstrar que a revelação divina através das coisas criadas foi dada a todos.

Um aspecto notório é a integridade da transmissão do texto ao se comparar as versões dos manuscritos antigos. Há apenas três problemas de crítica textual segundo a NA²⁸ e nenhum deles graves ou complexos. A delimitação do texto não apresentou dificuldades e a forma dele corroborou sua unidade textual, pois Paulo faz uso de técnicas retóricas avançadas, como o oxímoro, o que confere ao texto, além de um belo estilo, coerência e coesão textual.

O comentário exegético-teológico, por sua vez, trouxe à tona a riqueza do vocabulário escolhido por Paulo em sua argumentação acerca da possibilidade de todos conhecerem a Deus. De modo que, em Rm 1,18-23 pode-se vislumbrar o “germe” do argumento cosmológico para demonstrar a existência de Deus, proposto por Tomás de Aquino.⁶¹ Paulo, com grande objetividade, apresenta a consternação de Deus por ter sido preterido pelo ser humano. Este, ao ver o *imprimatur Dei*, deixa-o de lado, para tentar criar um mundo a sua imagem e semelhança.

⁶⁰ GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H., Cultivar e conservar, p. 9-11.

⁶¹ O argumento cosmológico para provar a existência de Deus é apresentado por Santo Tomás na Suma Teológica (ST I, q.2 a.3). Além disso, o Aquinate, antes de desenvolver o argumento em si, se debruça sobre a possibilidade de se demonstrar a existência de Deus, nesse artigo ele cita diretamente Rm 1,20a: “O Apóstolo diz na Carta aos Romanos: ‘As perfeições invisíveis de Deus se tomaram visíveis à inteligência, por suas obras’. Mas isso não aconteceria se, por suas obras, não se pudesse demonstrar a existência de Deus, pois o que primeiro se deve conhecer de algo é se ele existe. [...] Assim, partindo das obras de Deus, pode-se demonstrar sua existência, ainda que por elas não possamos conhecê-lo perfeitamente quanto à sua essência” (ST I, q.2 a.2).

Esse devaneio constatado por Paulo é também um devaneio da contemporaneidade. Todavia, a condição atual é pior, o ser humano nos tempos bíblicos sequer tinha noção da grandiosidade do mundo e do universo, bem como da complexidade e harmonia do microcosmo, seja pelas estruturas do corpo humano, seja na natureza em geral. O *imprimatur Dei* “brilha” por todos os lados na obra da criação (na natureza), mas o ser humano com o coração obscurecido pelo hedonismo, pelo consumismo e pelo racionalismo, ignora a automanifestação e a autodoação de Deus em sua obra.

Essa forma de relação com o mundo, prescindindo de seu Criador, desfigura a criatura humana e danifica o restante da criação. O ser humano para reencontrar-se e edificar um mundo realmente humano e fraterno, precisa seguir as pistas deixadas por Deus, o *imprimatur Dei*, para assim restabelecer o cosmos e evitar o caos que, paulatinamente, cresce e assombra a todos, deixando rastros irremediáveis para as gerações futuras. Deus se manifestou e se manifesta a todos, resta ao ser humano ter coragem de abrir os olhos para reconhecer, não apenas seus erros, mas, sobretudo, para render o louvor que é devido a Deus e manifestar a sua gratidão por toda a criação. Reconhecer o “lugar” de Deus é o primeiro passo para edificar seu Reino.

Referências bibliográficas

BALZ, Horst. ἀποκαλύπτω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gehard (Eds.). **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sigueme, 2005. p. 1000-1013. v.1.

BALZ, Horst. ματαιόω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gehard (Eds.). **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sigueme, 1998. p. 191. v. 2.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991.

BELL, Richard. **No one seeks for God: an exegetical and theological study of Romans 1:18-3:20**. Tübingen: J C B Mohr (Paul Siebeck), 1998.

BENTO XVI, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini**. Sobre a palavra de Deus na vida e na missão da igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

CALVIN, John. **Commentary on Romans**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, [s.d.].

COLLINS, John. Romans 1:20: From the Creation of the World. **Presbyterion**, v. 47, n. 2, p. 88-104, 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. **Dei Verbum**: constituição dogmática sobre a revelação divina. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONZELMANN, Hans. σκότος. In: KITTEL, Gehard; FRIEDRICH, Gehard. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1979. p. 591-646. v. 12.

CRANFIELD, Charles Ernest Burland. **La Lettera di Paolo ai Romani (capitoli 1-8)**. Torino: Claudiana, 1998.

CRANFIELD, Charles Ernest Burland. Romans 1:18. **Scottish Journal of Theology**, v. 21, n. 3, p. 330-335, 2009.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

DUNN, James. **Comentário à carta de Paulo aos Romanos**. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2022. v. 1.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**: Introdução aos métodos linguísticos e históricos-críticos. São Paulo: Loyola, 2005.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**. Sobre o cuidado da casa comum. Paulinas: São Paulo, 2015.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. **Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 201-235.

GONZAGA, Waldecir. Um Cristo compassivo e misericordioso (Lc 15,11-32). In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Traços da Misericórdia de Deus segundo Lucas**. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016. p. 92-112.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 55, jan./abr. 2017, p. 19-41. DOI: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>>.

GONZAGA, Waldecir. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro: EdIPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, Waldecir; BELEM, Doaldo Ferreira, A Vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso. **Estudos Bíblicos**, v. 37, n. 143, p. 127-143, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.54260/eb.v37i143.13>>.

GONZAGA, Waldecir. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato Sí' e Rm 2,28. **Ephata**, v. 4, p. 99-125, 2002.

GONZAGA, Waldecir; ARAÚJO, Filipe Henrique. "Anuncio-vos uma grande alegria: hoje vos nasceu um salvador": Análise de Lc 2,1-20. **Davar Polissêmica**, v. 18, n. 2, jul./dez. 2024.

GONZAGA, Waldecir; ARAÚJO, Filipe Henrique. "E vendo-o, foi compadecido e cuidou dele": Análise da parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37). **Davar Polissêmica**, v. 18, n. 1, p. 260-278, jan./jun. 2024.

GONZAGA, Waldecir; ARAÚJO, Filipe Henrique. "O reino dos céus será semelhante a dez virgens": Análise de Mt 25,1-13. **Estudos Bíblicos**, v. 39, n. 148, p. 271-283, jul./dez. 2023.

GONZAGA, Waldecir; ARAÚJO, Filipe Henrique. Cultivar e conservar - Uma reflexão sobre sustentabilidade e espiritualidade à luz de Gn 2,15. **Ação Sustentável Global**, v. 4, e-0004/2024, p. 1-15.

GONZAGA, Waldecir. **O Cânon Bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

HANSE, Hermann. κατέχω. In: KITTEL, Gehard; FRIEDRICH, Gehard. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1967. p. 1354-1358. v. 3.

HEGERMANN, Harald. δοξάζω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gehard (Eds.). **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 1056-1058. v. 1.

JEWETT, Robert. **Romans: A Commentary**. Minneapolis: Fortress Press, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Veritatis Splendor**. Sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2002.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica Fides et Ratio**. Sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Loyola, 1998.

KÄSEMANN, Ernst. **Commentary on Romans**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

KEENER, Craig. **Romans: A New Covenant Commentary**. Cambridge: The Lutterworth Press, 2009.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese Bíblica: Teoria e Prática**. São Paulo: Paulinas, 2017.

LONGENECKER, Richard. **The Epistle to the Romans**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016.

MATERA, Frank. **Romans**. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.

MOO, Douglas. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2023.

MUNDLE, Wilhelm. Revelación (ἀποκάλυψις). In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (Eds.). **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sigueme, 1994. p. 98-107. v. 4.

NESTLE-ALAND (Eds.). **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

O'ROURKE, John. Romans 1:20 and natural revelation. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 23, n. 3, p. 301-306, 1961.

OCHSENMEIER, Erwin. Romans 1,20: knowing God through his acts in history. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche**, v. 100, n. 1, p. 45-58, 2009.

PATSCH, Hermann. εὐχαριστέω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gehard (Eds.). **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 1693-1695. v. 1.

PENNA, Romano. **Lettera ai Romani**: introduzione, versione, commento. Bologna: EDB, 2004.

POGGI, Flaminio. **Curso Avanzado de Griego del Nuevo Testamento**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2011.

SCHREINER, Josef. Ejemplo de critica textual bíblica. In: SCHREINER, Josef. (Org.) **Introducción a los métodos de la exégesis bíblica**. Barcelona: Editorial Herder, 1974. p. 113-128.

SCOGGINS, John. Romans 1:18 as Key to The Structure of the Letter. **Bibliotheca sacra**, v. 175, n. 700, p. 411-424, 2018.

SERNA, Eduardo de la. La revelación de la cólera de Dios a los idólatras (Rom 1,18-2,10). **Revista de interpretación bíblica latinoamericana**, v. 87, p. 41-60, 2022.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. São Paulo: Paulinas, 2022.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: Teologia – Deus – Trindade: parte I, questões 1-43. São Paulo: Loyola, 2009. v. 1.

YOUNG, Richard Alan. The knowledge of God in Romans 1:18-23: exegetical and theological reflections. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 43, n. 4, p. 695–707, 2000.

ZIEGLER, Roland. Natural knowledge of God and the Trinity. **Concordia Theological Quarterly**, v. 69, n. 2, p. 133-158, 2005.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana
Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: waldecir@hotmail.com

Filipe Henrique de Araújo

Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: filipearaujo.scj@gmail.com

Recebido em: 19/03/2025

Aprovado em: 25/06/2025